



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Peripheral Education Perspectives: An analysis of education in the Jacarezinho favela and the role of violence in the exclusion of students from the educational system

Thaís Sales¹

Resumo: O presente trabalho busca analisar como as questões de violência em territórios conflagrados se apresentam na educação de crianças das periferias da cidade do Rio de Janeiro, em particular da favela do Jacarezinho. Tem-se como objetivo pesquisar o modo como educadoras do ensino fundamental de escolas públicas e privadas no território descrevem esses acontecimentos e suas possíveis consequências no processo de ensino e aprendizagem. A metodologia escolhida para o estudo foi a qualitativa, por meio de um formulário de perguntas para as educadoras do local. Assim, a conclusão do estudo se traduz na percepção de que a violência no Jacarezinho prejudica o processo educacional das crianças do território, com perdas de dias letivos devido às operações e questões psicológicas que se apresentam durante as aulas.

Palavras-chave: Jacarezinho. Violência. Educação.

Abstract: This study aims to analyze how issues of violence in conflict-ridden territories are reflected in the education of children from the outskirts of Rio de Janeiro, particularly in the Jacarezinho favela. The objective is to investigate how elementary school educators from both public and private schools in the area describe these events and their possible consequences for the teaching and learning process. The chosen methodology for the study was qualitative, using a questionnaire directed at educators in the region. Thus, the study concludes with the understanding that violence in Jacarezinho hinders the educational process of children in the area, resulting in the loss of school days due to police operations and the emergence of psychological issues during class.

Keywords: Jacarezinho. Violence. Education.

¹ Licenciada em Ciências Sociais (UNIRIO), mestranda em Sociologia Política (IUPERJ-UCAM) e bolsista da CAPES. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0020400981813875> - ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3819-4793>.



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

Introdução

O seguinte estudo propõe uma análise do ensino nas favelas e periferias para discutir a educação na cidade do Rio de Janeiro, principalmente a educação pública. É sugerida a reflexão sobre o papel do Estado na entrega do direito à educação. A justificativa de levar segurança acaba gerando uma violência sistemática, em que os cidadãos não têm os seus direitos (à saúde e educação) assegurados e desenvolvem um instinto de ameaça quanto aos policiais (Conceição & Ignacio, 2013).

A sociedade impõe seus padrões de comportamento às crianças, não só sobre os gostos e atitudes, mas até nas questões biológicas (Berger & Berger, 1977). Quando esses efeitos são pensados na infância, é possível compreender que a violência aqui analisada não é reproduzida pelos pais ou responsáveis, mas pelas circunstâncias do local em que essas crianças se encontram.

Silvano Conceição & Jocelene Ignacio (2013) argumentam que, mesmo que os jovens favelados obtenham ensino superior e um grau maior de escolaridade, eles ainda são impactados pelo ambiente em que vivem:

Em nosso estudo percebemos que há um percentual representativo de jovens que mesmo na contemporaneidade são inseridos em um círculo vicioso de pobreza. Desta forma, em alguns casos, muitos passam a reproduzir e reforçar a situação de exclusão e marginalidade material e cultural em que vive suas famílias, mas, identificamos também aqueles que quebraram paradigmas e mudam o curso da história pré-determinada (Conceição & Ignacio, 2013, p. 10).

A relação entre o território e a escola é distanciada, tanto pela falta de familiaridade dos alunos sobre o que a escola ensina e quais são suas perspectivas de vida, quanto pela violência, que muitas vezes suspende aulas ou alicia crianças e adolescentes ao crime. A socialização por si só já é complexa e, quando pensada na infância e adolescência no contexto da favela, intensifica-se.

No Brasil do século XXI, ao se relacionar escola e juventude, ainda são grandes as lacunas no que diz respeito à equidade e qualidade, pois é no âmbito dessa instituição que a maior parte dos jovens toma consciência de oportunidades e possibilidades existentes, mas é onde, ao mesmo tempo, tem a percepção de que lhes são negadas as condições reais para aproveitá-las. (Pereira & Lopes, 2016, p. 197).

O presente trabalho busca analisar e problematizar a forma como as questões de segurança pública de territórios conflagrados impactam a educação das crianças nas



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

periferias cariocas, em particular nas favelas. Tem-se como objetivo pesquisar o modo como as educadoras do ensino fundamental de escolas públicas e privadas, no território do Jacarezinho, descrevem esses acontecimentos e suas possíveis consequências no processo de ensino e aprendizagem. A metodologia escolhida para a análise foi a qualitativa, com relatos coletados por meio de formulário online na plataforma Google Forms.

Considerando o exposto, serão observados alguns aspectos como: o direito à educação violado e a desigualdade educacional; a política de segurança pública no Rio de Janeiro; o histórico do Jacarezinho e os relatos com as educadoras do território.

O problema da segurança pública no Rio de Janeiro

O problema de segurança pública que assola o estado do Rio de Janeiro é crescente desde o século passado. No início do século XX havia a criminalização de movimentos operários, o que incentivava a visão das “classes populares” como “classes perigosas” (Pinheiro, 1981). Durante a ditadura militar, diversos ativistas se refugiaram nas favelas do Rio de Janeiro, ajudando na construção de debates políticos nos territórios. Nesse mesmo momento, a repressão militar aumentou e o engajamento das forças policiais na punição dos opositores do regime produziu impacto no padrão de funcionamento das polícias militares, por oferecer respaldo jurídico para que o uso de tortura e de execuções fossem disseminados como meios legítimos de controle social e de proteção da sociedade contra “inimigos internos” (Naidin, 2020). Também durante a ditadura militar, foi criada a denominação de “mortes decorrentes de intervenção policial” para classificar os assassinatos durante operações, que são compreendidos como “no estrito cumprimento do seu dever legal” (Naidin, 2020). As consequências desse comportamento repressivo podem ser traduzidas nos dias atuais. Nessa mesma época nasceu a Falange Vermelha, hoje conhecida como Comando Vermelho ou CV, sendo uma das maiores organizações criminosas da atualidade.

A partir dos anos 1980, a comercialização de drogas se intensifica com a popularização da cocaína e fortalecimento das redes de varejo de maconha (Misse, 1999).



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

O tráfico de drogas se consolidou nas favelas e periferias, começando a alarmar a sociedade como um todo.

Após a ditadura, que se encarregou de prender muitos militantes, já no momento de redemocratização do país, as mobilizações sociais dentro das comunidades se enfraquecem. Também com o fortalecimento do neoliberalismo e a pobreza crescente nas favelas, políticas de segurança pública começam a ser desenvolvidas contra o tráfico de drogas.

O Governo do Estado do Rio de Janeiro adotou, assim, a partir de meados dos anos 90, a estratégia de investir, cada vez mais, em recursos materiais e humanos principalmente para a polícia militar, através da aquisição de armas de alto potencial letal, como os fuzis .762, da contratação de membros para a corporação e da expansão considerável de sua frota de viaturas, incluindo veículos blindados, apelidados de ‘caveirões’. Também houve investimento na capacitação dos policiais para atuar em contextos de ‘guerrilha urbana’, aumentando-se o efetivo do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) e do Batalhão de Policiamento de Choque (BPOCH), além de se criarem Grupamentos de Ação Tática (GAT) nos batalhões convencionais (Misse, *Et. Al*, 2011, p. 7).

No Rio de Janeiro, na década de 1990, surge o programa “Favela-Bairro”, implementado em 1993 pelo então prefeito César Maia. Entre as ações previstas, estava a incorporação da favela como espaço oficial da cidade, por meio da sua elevação ao status de bairro, passando a integrar as regiões administrativas do município (Castro, 2022).

Já no século XXI, a solução dada pelo poder público foi ampliar a segurança militar e armada em alguns pontos da cidade, com projetos como a famosa “Unidade de Polícia Pacificadora” (UPP), implementada durante o governo de Sérgio Cabral em 2008. A instauração das UPPs foi um marco de violência nas favelas, com grandes operações como a de 2010, no Complexo do Alemão, que foi televisionada ao vivo pela Rede Globo².

Após a retirada das UPPs, a gestão do atual governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, em 2022, criou o Programa “Cidade Integrada”. O projeto tem como intuito pacificar as favelas do Rio de Janeiro e implementar projetos de cultura, educação e lazer para a população. A favela do Jacarezinho foi uma das primeiras a ter o programa instaurado e, pelo levantamento do Laboratório de Dados e Narrativas Periféricas LabJaca

² Ver: [G1](#). Acesso em: 11 de janeiro de 2026.



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

(atual Instituto Decodifica³), foi possível perceber que os moradores não se sentem mais protegidos com a militarização e nem experienciam uma maior qualidade de vida, além dos comerciantes alertarem ter perdido grande parte de suas vendas com os frequentes conflitos armados repelindo seus clientes. O "Cidade Integrada", assim como outros projetos que buscavam a neutralização da violência nas favelas, contou com diversos empecilhos na sua implementação, principalmente pela falta de transparência sobre interlocução com os moradores do Jacarezinho.

Por conta de todos os problemas de infraestrutura que as favelas têm, elas podem ser percebidas como um *não-local*, o que afeta diretamente a obtenção de cidadania por parte dos moradores, que pertencem a um *não-lugar*. Essa lógica, extremamente perigosa, gera um sentimento de distanciamento perante o Estado e o não reparo dos seus direitos sociais básicos, como o direito à saúde e à educação.

Pesquisas feitas pelo Ministério Público e pelo Núcleo de Estudos da Violência da USP (NEV/USP) concluem que o aumento das mortes produzidas por agentes do Estado não tem impacto significativo na redução dos crimes que supostamente almejam combater, e, além disso, que a maior parte das mortes por violência policial são contra corpos negros (Naidin, 2020). Isso ocorre mesmo com a precariedade de números e registros oficiais de violência policial, que dificulta o processo de análise da conjuntura atual, além da sabotagem de evidências que incriminam os agentes do Estado.

No neoliberalismo, os direitos sociais à saúde, educação, lazer, etc., são cada vez mais postergados e negligenciados pelo poder público, já que devem ficar a cargo de empresas privadas. Todo esse projeto culmina na repressão intensificada das populações periféricas, sem considerar que uma das formas de diminuir a criminalidade, a longo prazo, é justamente oferecer serviços de qualidade e que representem os direitos sociais dos cidadãos. A política de segurança pública — ou a *necropolítica* (Mbembe, 2020), a política de extermínio — brasileira continuará sendo letal aos favelados e periféricos enquanto for focada apenas na militarização de espaços vulnerabilizados.

As desigualdades no sistema educacional brasileiro e o direito à educação

³ Ver: [Decodifica](#). Acesso em: 11 de janeiro de 2024.



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

A desigualdade se tornou um objeto de estudo sociológico, já que ela explica as condutas sociais e culturais (Dubet, 2001). Ela está intrinsecamente ligada à diferença de escolaridade entre as classes sociais. Mesmo com um aumento expressivo no nível de escolaridade dos indivíduos nas últimas décadas, ainda é possível perceber a hierarquização existente por conta da classe social. Por mais que tenham qualificação, os empregos que as classes populares conseguem ocupar ainda são os menos valorizados:

Com a massificação escolar, o acesso aos estudos secundários e superiores aumentou consideravelmente. Na França, o percentual de filhos de operários que concluem o ensino médio, que fazem o vestibular ou que obtêm um diploma universitário foi multiplicado por mais de quatro nos últimos 25 anos. Mas, se olharmos mais de perto, tal democratização é bastante segregativa, pois os filhos das classes populares se encontram nos setores e formações menos valorizadas e menos úteis, enquanto os filhos das categorias superiores adquirem uma espécie de monopólio das carreiras elitistas e rentáveis. A igualdade cresceu porque a educação não é mais um bem raro, beneficiando a todos, mas ela se tornou um bem muito mais hierarquizado quando as barreiras foram substituídas pelos níveis (Dubet, 2001, p. 8-9).

Além disso, pensando na educação como um direito social garantido na Constituição, o Brasil enfrenta diversos desafios na efetiva concretização desse direito. Diferentemente dos direitos civis e políticos, que estão ligados ao exercício da liberdade e da participação na política, os direitos sociais se enquadram no acesso que todos os indivíduos devem ter ao mínimo de bem-estar que a sua civilização pode oferecer. Entretanto, o direito à educação se torna crucial para o exercício da cidadania e dos demais direitos (Saviani, 2013). Os estudantes oriundos de uma classe social mais alta naturalmente costumam ter incentivo familiar, financeiro e emocional para concluir seus estudos, o que não pode ser garantido nas famílias de classe social mais baixa, onde os filhos muitas vezes também precisam ajudar na composição da renda familiar.

As desigualdades sociais prejudicam a educação no âmbito socioeconômico de formas variadas, tanto na dificuldade de acesso, como na necessidade de interrupção dos estudos pela dificuldade financeira. A violência de territórios marginalizados é somada a todos os outros empecilhos presentes na educação. O acesso impedido pela violência é uma questão rotineira aos alunos periféricos e favelados do Rio de Janeiro. Durante uma



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

operação no complexo de favelas da Maré⁴, em outubro de 2023, cerca de 13 mil alunos tiveram suas aulas suspensas, o que interferiu no ano letivo somente dessa população em específico. Com a ironia do direito garantido na Constituição e que não é mantido pelo Estado em situações como a do caso da Maré, a contestação sobre o direito à educação no Brasil se torna válida.

Contudo, como sabemos, importa distinguir entre a proclamação de direitos e a sua efetivação. A cada direito corresponde um dever. Se a educação é proclamada como um direito e reconhecido como tal pelo poder público, cabe a esse poder a responsabilidade de prover os meios para que o referido direito se efetive (Saviani, 2013, p. 745).

Por mais que existam movimentos de educação emancipadora, os mesmos são, em sua maioria, advindos de movimentos sociais, sofrendo por vezes com falta de infraestrutura.

História do Jacarezinho

Imagem 1: Favela do Jacarezinho



Foto: Thaís Sales, 2023.

⁴ Ver: [TVBrasil](https://www.tvbrasil.org.br/). Acesso em: 05 de novembro de 2023.



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

As memórias das favelas são historicamente marcadas por desapropriações decorrentes das lutas sociais e repressões passadas. A favela do Jacarezinho, uma das maiores do Rio de Janeiro, situa-se na Zona Norte da cidade e faz divisa com os bairros do Jacaré, Maria da Graça, Manguinhos, Cachambi e Benfica. Segundo dados de 2004 da Prefeitura do Rio, o Jacarezinho possui 36 mil moradores e um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade⁵. Foi formada a partir do bairro Jacaré, porém, nos dias atuais, as duas localidades são consideradas bairros distintos. O nome deriva do Rio Jacaré, que faz parte do Canal do Cunha e atravessa ambos os locais. Além disso, há o Complexo do Jacarezinho, com favelas menores em seus arredores, como Marlene, Rato Molhado, Pica-Pau, Tancredo e Xuxa.

Em 1920, o território, que era de posse da família de Getúlio Vargas, foi cedido para os moradores. Assim como diversas favelas no Rio de Janeiro, não há uma história exata de como foi dada sua habitação⁶. Sabe-se, no entanto, que o bairro do Jacaré foi de extrema importância para a industrialização da cidade, por ser próximo ao Centro (Abreu, 2020). Ainda hoje, fábricas se encontram no local.

Como muitas favelas, o Jacarezinho nasce de uma ocupação e é alvo da desassistência do Estado. Desde o século XX, a favela é foco de violência e instabilidade, mas o processo de estabelecimento das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) determina um novo rumo na história da perseguição policial no território. O projeto das UPPs, do ex-governador Sérgio Cabral, entrou em vigor no Jacarezinho no ano de 2014. Com uma imposição violenta, a favela nunca esteve realmente “pacificada”, o tráfico de drogas ainda acontecia e a perseguição policial amedrontava os moradores.

‘Eles chegam com um autoritarismo absurdo, xingando as pessoas, independentemente da idade delas ou condição física. Quando eles desconfiam de alguém, mesmo sem qualquer prova, saem arrastando pelas ruas, espancando e apontando armas para os moradores que estão ao redor, como se todos fossem marginais. Um dia desses, um policial violento entrou aqui no beco e ficou

⁵ Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Rio de Janeiro, Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003.

⁶ Moradores afirmam que a história do Jacarezinho começou antes mesmo do território fazer parte da Zona Industrial do Rio de Janeiro. Rumba Gabriel, uma liderança local, afirma que o Jacarezinho é um quilombo urbano, e que negros haviam fugido de fazendas e habitado a favela antes mesmo dos primeiros relatos oficiais de ocupação. Por esses motivos, é considerada uma das favelas mais pretas da cidade, com um histórico de luta operária. Ver: [BBC](#). Acesso em: 17 de outubro de 2023.



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

apontando para os moradores, como se fosse cometer outra agressão. Gente, pra quê isso?' - Morador, Jacarezinho (Prestes, 2016, p. 61).

Em 2021, em meio à pandemia do COVID- 19, mesmo com a ADPF 635, que visava restrição de operações policiais, o Jacarezinho foi alvo da segunda maior chacina – dita como operação policial – do município, deixando 28 mortos em um único dia (Pereira, 2023). Protestos foram realizados na comunidade, bem como a inauguração de um memorial em homenagem aos falecidos – incluindo o policial civil que morreu em serviço. Na ocasião, contudo, agentes da polícia civil destruíram o memorial.

Imagem 2: Pichação em protesto à Chacina

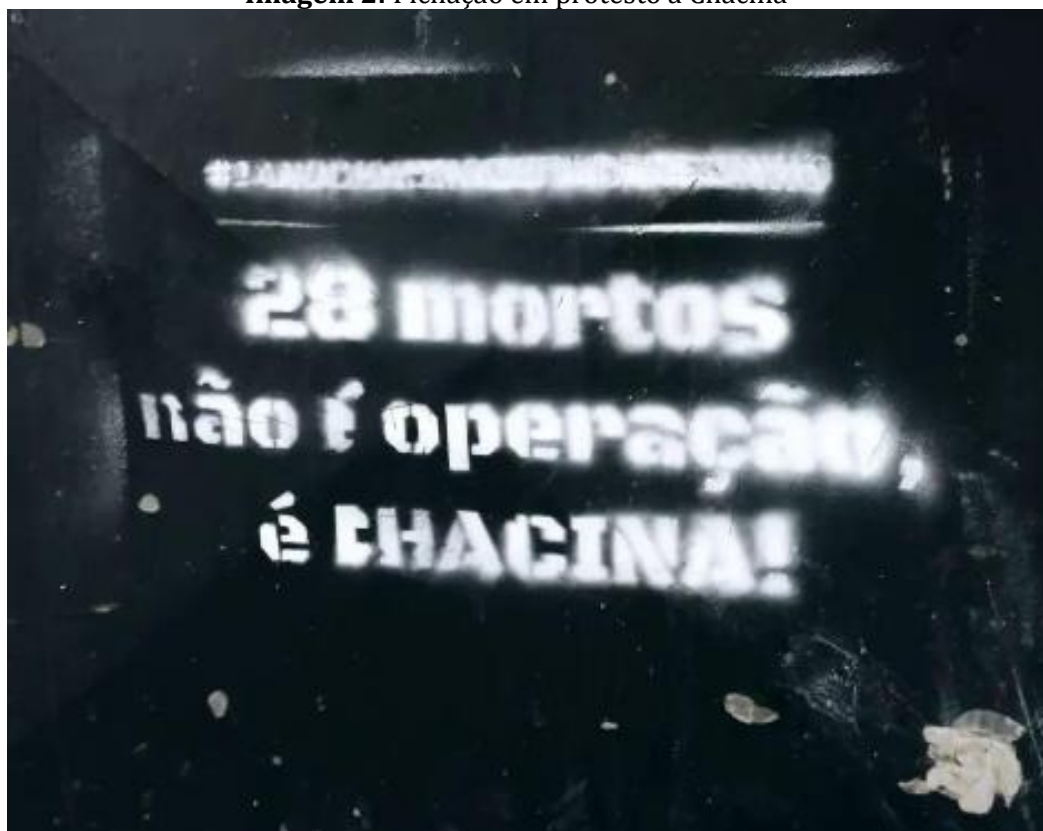


Foto: Thaís Sales, 2023.



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

Essa negação de direitos à saúde e à educação, focando somente na militarização, reflete no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. É fundamental ressaltar que, dentro da favela, só existem duas escolas públicas, o CIEP Vinicius de Moraes e a EDI Padre Nelson Carlos Del Monaco. Como apenas duas escolas públicas não atendem a todos os moradores, muitas das escolas frequentadas ficam nos arredores do Jacarezinho. Com o ensino privado presente dentro da comunidade, fica explícito o processo de exclusão dos estudantes com maior dificuldade financeira.

Apesar de todas as adversidades apresentadas, os moradores da favela do Jacarezinho sempre tiveram grande mobilização social para implementar projetos que fossem apresentados nos espaços onde o Estado deixa carecer.

Os relatos

Para desenvolver os relatos dos educadores das redes pública e privada do ensino fundamental no Jacarezinho, foi utilizada a metodologia qualitativa, através de um formulário online na plataforma de formulários do *Google*. O acesso a eles foi feito através da rede de relacionamentos da pesquisadora. As perguntas foram abertas e alguns itens levados em consideração foram: Tempo de docência do educador; Percepção sobre frequência dos conflitos armados no território; Problemática perante o ensino e aprendizagem; Relação com os alunos expostos à violência e Impactos da violência no ambiente escolar.

O formulário foi enviado através de redes sociais e obteve um total de seis respostas, sendo todas as informantes mulheres. Cada uma demorou, em média, uma semana para responder e a coleta dos dados durou, aproximadamente, três meses. Os dados foram analisados considerando a percepção objetiva e subjetiva das educadoras em torno da violência policial e armada no território. Para preservar a identidade das informantes, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios. As profissões variaram entre: 4 professoras; 1 diretora adjunta e 1 auxiliar pedagógica. Segue abaixo o quadro com os nomes fictícios e informações sobre cada uma.



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

Educadoras do Jacarezinho			
Nome	Função	Tempo de atuação no território	Escola Pública ou Particular
Denise	Auxiliar Pedagógica	3 anos	Particular
Amanda	Professora	2 anos	Particular
Fernanda	Professora	2 anos	Pública
Milena	Diretora Adjunta	10 anos	Pública
Gabriela	Professora	5 anos	Pública
Débora	Professora	5 meses	Pública

Como apresentado no quadro, o tempo médio de serviço das educadoras no Jacarezinho é de aproximadamente 2 anos. Na pergunta que abordava se as profissionais já haviam presenciado algum episódio de violência no território, 5 afirmaram que sim (apenas a professora Débora respondeu que não, o que pode ser correlacionado com seu tempo de atuação no território, de somente 5 meses). Em um dos casos, uma educadora descreve que a escola precisou ficar 20 dias fechada, graças às incursões policiais.

Ficamos 20 dias sem poder acessar a escola quando a Força Nacional ocupou a região. Em duas ocasiões a escola foi atingida por projéteis que entraram pela janela do refeitório e em uma das salas de aula. Em outra ocasião, em meio a uma intensa troca de tiros, precisamos deslocar algumas turmas para um corredor mais seguro por receio de alguém ser atingido (Milena, educadora do Jacarezinho).

Em outro, a professora Fernanda narra que “[...] uma vez a polícia tentando pegar bandido quase entrou na escola com a arma em punho”. Na grande maioria dos relatos sobre episódios de violência no território, as profissionais descrevem momentos de tensão e terror, tanto entre as mesmas, quanto entre os alunos, demonstrando a sensação de insegurança no exercício de seu trabalho. Quando questionado qual o efeito desses episódios de violência e conflito urbano no processo de ensino e aprendizagem para as crianças moradoras do Jacarezinho, com intuito de entender qual o impacto nas relações sociais dos alunos, a docente Milena descreve:



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

A violência tem profundo impacto nas relações que os (as) jovens da região estabelecem, seja entre eles próprios, seja com a escola. Muitas vezes a violência é a única linguagem conhecida e a escola se torna uma verdadeira caixa de ressonância dos conflitos latentes que surgem dessa tensão. A desigualdade social e as condições de trabalho às quais as famílias são submetidas tornam muitas vezes a infância um lugar de abandono, em grande medida não por negligência, mas por necessidade. A falta de um ambiente seguro e estimulante para esta infância e adolescência afeta o desenvolvimento de muitas habilidades preditoras de aprendizados fundamentais, como a alfabetização (Milena, educadora do Jacarezinho).

A preocupação com a sociabilidade dos alunos está presente em todos os relatos. As educadoras ressaltam como o processo de inserção em um ambiente extremamente violento desde a primeira infância é capaz de gerar consequências inestimáveis aos alunos, não só em suas vidas escolares, mas no decorrer delas.

Além disso, são mencionados estresse, tensão e adoecimento das profissionais. As palavras que a professora Amanda utilizou para descrever as sensações foram: “Impotência, reclusão, transtornos, insônia, angústia, medo e insegurança”. Nesse contexto, na percepção das educadoras, a escola passa a ser um dos primeiros locais em que as crianças conseguem sentir as desigualdades sociais.

A insegurança acaba permeando a relação entre o(a) estudante e a escola uma vez que o trajeto da residência até a unidade escolar é um cenário instável. Quando um aluno te manda mensagem às 7h da manhã dizendo que está dentro do box no banheiro por ser o lugar mais seguro da casa, fica claro que há coisas mais urgentes na vida desse ser humano do que aprender o valor do X na equação. Ainda que saibamos o valor da educação. Ainda que saibamos que estudar pode (ou deveria) fazer toda a diferença na história de vida de alguém (Milena, educadora do Jacarezinho.).

Os relatos variam entre questões envolvendo as próprias profissionais e a relação que elas têm com a experiência da violência, além da relação com os próprios alunos. Débora aponta a precariedade da educação e obstáculos “[...] de aprendizagem, agitação, agressividade, reprodução do que os alunos vivem, dificuldade em obedecer regras estabelecidas”. É notória a preocupação que as mesmas têm com os estudantes, que têm o psicológico abalado pelos episódios de conflito. Denise, auxiliar pedagógica, relata que até mesmo as brincadeiras das crianças são alteradas, além da relação de medo que elas criam perante os policiais.

Sim, em relação as crianças, na sua maioria, criam uma aversão aos agentes militares, a quem deveria estar *[sic]* como intermediário da paz. O impacto é tão grande e comum, que isso influencia até mesmo em brincadeiras, que deveriam



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

ser inofensivas, se tornam brincadeiras violentas e em prol da criminalidade local. Colocando o traficante da esquina como o 'herói do bairro' (Denise, educadora do Jacarezinho).

A docente Amanda descreve a naturalização da violência por parte dos alunos, que é reproduzida nas falas e comportamentos. Já Gabriela relata seu próprio adoecimento, precisando ser afastada do trabalho por conta do estresse.

Eu fiquei fora de mim por alguns dias. Não conseguia ir trabalhar. Ficava nervosa só de pensar em ir trabalhar. Temos colegas que se afastam pela psiquiatria e outras que exoneram. As crianças, infelizmente, moram naquele ambiente também, então seguem com todas as questões como se fizessem parte delas (Gabriela, educadora do Jacarezinho).

No geral, todas percebem a diferença latente entre a educação dos alunos de territórios conflagrados, dizendo que o território contribui para a segregação e exclusão do sistema educacional.

Com certeza. Trabalho em outra escola pública na zona rural de Saquarema e tenho uma experiência muito diferente. O processo de ensino aprendizagem flui. As crianças são mais tranquilas. As famílias são presentes. Enfim, vou para a escola feliz e tranquila toda semana (Gabriela, educadora do Jacarezinho).

Além da questão subjetiva, relacionada ao modo como as educadoras se veem neste cenário e como veem seus alunos, também foi ressaltada a questão objetiva, como a perda de dias de aula e a não conclusão do ano letivo normalmente, se comparado com outros territórios.

Considerações Finais

A análise da educação na favela do Jacarezinho foi dividida em quatro seções. Na primeira busquei compreender como a questão da segurança pública é tratada no Rio de Janeiro; na segunda foi feita reflexão sobre a desigualdade educacional no Brasil e o direito à educação, que por muitas vezes é violado; na terceira foi analisado o histórico do Jacarezinho, que é marcado por diversos episódios de violência; e por fim, a quarta seção organiza o relato das educadoras do território.

Foi possível concluir que existe uma grande lacuna na educação dos alunos periféricos, na não conclusão do ano letivo normalmente, se comparado com outros



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

territórios, além das questões de saúde mental, traumas e sofrimento psíquico por conta da violência, que podem se perpetuar pelo resto da vida das docentes e dos estudantes.

As experiências que foram relatadas pelas educadoras e analisadas na presente pesquisa são um retrato da vivência das profissionais da educação e das condições de ensino dos estudantes favelados e periféricos do Rio de Janeiro. A política de execução praticada pelo Estado brasileiro não só produz o genocídio de jovens majoritariamente negros, como também é combinada à falta de acesso aos direitos sociais – como à educação pública de qualidade –, fazendo com que tais populações pereçam.

Torna-se inegável o fato de que o Estado brasileiro, por mais que tenha estabelecido o acesso aos direitos sociais dentro da Constituição Federal, não cumpre com os mesmos e não possui meios e formas de garanti-los. São utilizadas políticas de segurança pública mal planejadas para o desenvolvimento da população para pôr em prática um projeto de marginalização. As crianças e adolescentes que residem nesses territórios não são vulneráveis, mas vulnerabilizadas.

Referências

Abreu, Jonas. A invenção da favela industrial: pistas da história, memória e identidade do Jacarezinho. **Revista Ambivalências**, v. 8, n. 15, p. 262-300, 2020.

Berger, Peter & Berger, Brigitte. **Socialização**: como ser um membro da sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Castro, Fernanda Souza de. **Nossos mortos têm voz**: memória social do coletivo Mães de Manguinhos. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2022.

Conceição, Silvano & Ignacio, Jocelene. São da favela, são doutores e cidadãos educação como estratégia de acesso a cidadania. **VII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"**, 2013.

Dubet, François. As desigualdades multiplicadas. **Revista Brasileira de Educação**, p. 5-18, 2001.

Figueira, Ivan & Mendlowicz, Mauro. Diagnóstico do transtorno de estresse pós-traumático. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 25, p. 12-16, 2003.



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

Gonçalves, Hérica Cristina Batista; Queiroz, Marcello Roriz de & Delgado, Pedro Gabriel Godinho. Violência urbana e saúde mental: desafios de uma nova agenda?. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, p. 17-23, 2017.

Mbembe, Achille. **Necropolítica**. Barcelona: Melusina, 2020.

Misse, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos**: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Sociologia). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.

Misse, Michel. **Crime e violência no Brasil contemporâneo**: estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Editora Lúmen Juris, 2006.

MISSE, Michel. **“Autos de resistência”**: uma análise dos homicídios cometidos por policiais na cidade do Rio de Janeiro (2001-2011). Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: Necvu/UFRJ, 2011.

Nogueira, Cláudio Marques Martins & Nogueira, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, v. 23, p. 15-35, 2002.

Naidin, Silvia. **Letalidade Policial no Brasil**: problema ou projeto?. Boletim de Segurança e Cidadania, out-2020.

TV Brasil. Operação policial na Maré deixa mais de 13 mil alunos sem aulas. Disponível em: [[TV Brasil](#)] - Acesso em: 5 de Novembro de 2023.

Pereira, Beatriz Prado & Lopes, Roseli Esquerdo. Por que ir à Escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do ensino médio. **Educ. Real**, v. 41, n. 1, p. 193-216, 2016.

Pereira, Vanderson dos Santos. O genocídio da população negra como política de estado: estudo de caso da chacina do Jacarezinho. **UFPB**, p. 1-211, 2023.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Violência e cultura. **Direito, cidadania e participação**. São Paulo: TA Queiroz, p. 30-58, 1981.

Pinheiro, Paulo Sérgio. Autoritarismo e transição. **Revista USP**, n. 45, p. 45-56, 1991.

Pinheiro, Paulo Sérgio; Adorno, Sérgio; Cardia, Nancy & Poppovic, Malak. **Continuidade autoritária e construção da democracia**. Relatório final de pesquisa. São Paulo: NEV/USP, 1999.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Novas tendências demográficas na cidade do Rio de Janeiro: resultados preliminares do censo 2000. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Urbanismo/ Instituto Pereira Passos, 2003.



Perspectivas de Ensino Periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional

Thaís Sales

Prestes, Gabriela Alvarenga. **UPP e Rio Mais Social**: política pública para favelas cariocas, 2016.

Reis, William. Jacarezinho: a história da favela mais negra do Rio de Janeiro. Disponível em: [[Veja Rio](#)] - Acesso em 17 de Outubro de 2023.

Saviani, Dermeval. Vicissitudes e perspectivas do direito à educação no Brasil: abordagem histórica e situação atual. **Educ. Soc.**, v. 34, n. 124, p. 743-760, 2013.

Thin, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, p. 211-225, 2006.

Data de recebimento: 27 de maio de 2025
Data de aceite: 10 de novembro de 2025

Como citar este artigo de acordo com a ABNT:

SALES, Thaís. Perspectivas de ensino periféricas: uma análise sobre a educação na favela do Jacarezinho e o papel da violência na exclusão de alunos do sistema educacional. **Áskesis**, v. 15, n. 1, p. 186-201, jan./jun., 2026. DOI: 10.14244/2238-3069.2025/43.